

COMUNICAÇÃO AO PAÍS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA POPULAR DE
MOÇAMBIQUE E PRESIDENTE DA FRELIMO.

Camaradas membros do Comité Central,

Camaradas membros do Comité Executivo,

Camaradas do Conselho de Ministros,

Camaradas responsáveis do Partido, do Estado e das Forças Popu-
lares de Libertação de Moçambique

Excelências,

Senhores Embaixadores e Encarregados de Negócios acreditados na
República Popular de Moçambique,

Senhores membros da Imprensa nacional e estrangeira,

Compatriotas,

Em nome do Comité Central da FRELIMO e do Conselho de Ministros da República Popular de Moçambique, venho informar-vos que, moçambicanas, moçambicanas, homens, mulheres, velhos e crianças estão a ser mor
tos.

O território está a ser atacado, o nosso povo está a ser massacra
do. A República Popular de Moçambique está a ser agredida.

O regime criminoso e irresponsável de Ian Smith desencadeou uma guerra de agressão contra a República Popular de Moçambique. Menos de 18 meses depois de ter assinado o acordo de paz com Portugal, de novo o Povo Moçambicano é forçado a fazer face às agressões desesperadas dum colonial-fascista. Depois de uma longa série de provocações armadas contra a República Popular de Moçambique, na noite de 23 para 24 de Fevereiro, as forças do regime racista de Ian Smith desencadearam um ata
que, em larga escala contra o território nacional, concentrado, contra as populações de Pafuri e Mavue. O ataque iniciou-se às 21 horas e prolon
gou-se pelo dia 24. No dia 24 tiveram lugar bombardeamentos aéreos. Par
ticiparam no ataque aviões a jacto, bombardeiros, helicópteros, tropas de artilharia e infantaria. Em consequência do ataque criminoso das forças racistas contra a zona do Pafuri foram mortos: Albertina Mavuzo Cossa de 36 de anos de idade, Lucas Valentim Judício, de 36 anos de idade, Picane Milane, de 29 anos de idade, Laurentina Valentim de 18 meses; foram feridos Ester Judício, de 70 anos de idade, Mussave Mulávi, de 48 anos de idade, Feniassse Vilanculos, de 22 anos de idade, Phefo Mulávi de 21 anos de idade, Berta Nhancule de 19 anos de idade; desaparecidos: Sabão Munhangane de 65 anos de idade. No ataque contra Mavue 3 mulheres e uma criança foram assassinados, e 1 homem e uma criança foram feri
dos. Houve destruição de instalações, destruição de viaturas e destru
ição das comunicações. Os combatentes das Forças Populares de Liberta
ção de Moçambique com o apoio das forças paramilitares da Aliança da Imigração repeliram o invasor, punindo-o severamente, tendo abatido

dois aviões a jacto e um helicóptero. Dez combatentes sofreram ferimentos diversos, estando dois deles gravemente feridos; dois outros camaradas sacrificaram as suas vidas na defesa do povo e da nossa soberania. Este acto constitui uma agressão aberta, um acto de guerra. Ele é um verdadeiro crime contra a paz e um crime de guerra, tal como foi definido pelo Tribunal Internacional de Nuremberga

Porque nos ataca o Ian Smith? Porque nos faz guerra o regime racista de Salisbúria? O que o leva a assassinar mulheres e crianças, a queimar casas, massacrar pacíficos camponeses?

Para responder corretamente a esta pergunta, teremos que dizer que Ian Smith faz isso, porque foi isso o que sempre fez contra Moçambique. Em 1905, quando proclamou a sua pseudo independência, Ian Smith engajou-se na guerra colonial portuguesa de agressão contra o nosso povo. Assim, as suas tropas foram enviadas na época para a província do Niassa. Desde então o regime de Salisbúria, habituou-se a cometer crimes contra o nosso povo, tornou-se o viciado de agressão contra Moçambique. Até ao fim da guerra colonial-imperialista, as forças de Ian Smith participaram em gravíssimos crimes contra o nosso povo, em Niassa, em Tete e Manica. Nos tristemente célebres massacres de Mecumbura, participou activamente a soldadesca de Ian Smith. Em Agosto/Setembro de 1973 as tropas de Salisbúria participaram activamente na grande ofensiva tripartida desencadeada contra o distrito de Zumbo. Em Março/Abril de 1974 foram numerosos os aviões rodesianos abatidos a norte do Zambeze, quando bombardeavam as populações em zonas libertadas e os seus haveres. Se, as provocações e as agressões armadas do regime de Salisbúria diminuíram no período de transição em favor da subversão, do recrutamento e treino de bandos armados de mercenários e assassinos, elas foram rápida e progressivamente intensificadas no período que se seguiu à Independência, até atingirem a presente fase da guerra de agressão.

Sem pretendermos fazer uma lista exaustiva das acções inimigas nos últimos seis meses, podemos salientar:

1 - Na Província de Tete, na segunda quinzena de Agosto de 1975, é detido na zona da albufeira de Cahora Bassa, um grupo rodesiano que pretendia introduzir ilegalmente na República Popular de Moçambique, uma soma equivalente a 35 mil contos em dinheiro rodesiano, destinada à compra de moeda nacional, no mercado negro. Em 27 de Agosto, tropas racistas penetram na localidade de Gendo, na zona de Luíá, raptam um elemento da população. Dias depois, no dia 30, no mesmo local, assassinam um camponês e ferem dois outros. Em 1 de Setembro, tropas racistas organizam no nosso território, uma emboscada à força que patrulhava a zona de Luíá a Mecumbura e ferem três camaradas nossos. No dia 20 de Janeiro de 1976, ainda na zona de Luíá, o inimigo tendo minado os caminhos, uma patrulha faz deflagrar uma mina anti-pessoal, tendo um dos nossos combatentes perdido uma perna. Pouco depois, duas viaturas com tropas inimigas, penetraram em território nacional apoiadas por dois helicópteros e dois aviões de reconhecimento. Em 17 de Fevereiro, a Força Aérea começou a violar sistematicamente o espaço moçambicano nas zonas de Mecumbura, Luíá, Changara e Chioco.

2 - Província de Manica: Em 5 de Agosto de 1975, em Vista Alegre, quando a população capinava, as tropas inimigas abriram fogo. Uma pa-

trabalha nossa ocorreu em socorro e neutralizou o fogo inimigo. No dia seguinte, as forças racistas, apoiadas por um héli-canhão, penetraram às 9 horas cerca de um quilómetro, em território nacional. O héli-canhão abriu fogo atingindo mortalmente um combatente nosso. O inimigo foi repellido às 13,30 minutos. Em 11 de Agosto, na mesma zona, um grupo de infantaria inimiga penetrou no território nacional e dirigiu-se para norte de Vista Alegre. As nossas forças intervieram, obrigando o inimigo a retirar. No dia 13 de Agosto, um helicóptero violou o espaço aéreo em Vista Alegre. No mesmo momento em Timba, uma força inimiga de infantaria tendo penetrado em território nacional para cometer crimes, foi punida por uma patrulha nossa, abandonando quatro cadáveres. Em 28 de Agosto, na mesma zona, o inimigo abriu fogo, ferindo um combatente. Em 31 de Agosto, o inimigo penetrou em Dimba, perto do rio Nhangalula, e saqueou uma loja, depois de ferir uma criança num braço, outra nas nádegas, tendo ainda assassinado um camponês de nome Penzura Apanekuanja. A soldadesca racista manteve-se no território nacional das 9 horas às 14 horas. Em 14 de Setembro, em Rotanda, o inimigo abriu fogo com morteiro de 120mm. As nossas forças ripostaram, tendo obrigado o inimigo a silenciar-se. O inimigo sofreu quatro baixas. Em 16 de Dezembro, em Nhamacaze, as forças racistas assassinaram dois civis. Em 9 de Janeiro de 1976, um avião inimigo viola o espaço aéreo em Espungabera, às 10,30 horas. Na véspera, aviões inimigos bombardearam uma zona civil. Em 28 de Janeiro, uma companhia reforçada com o apoio de 4 helicópteros e 3 aviões, penetrou um quilómetro e meio na zona de Penha Longa. Em 8 de Fevereiro, às 4 horas, o inimigo penetrou com 10 héli-canhões na região de Espungabera, tendo bombardeado Múbi.

3 - Província de Gaza. Em 11 de Novembro de 1975, 4 aviões violam durante 15 minutos o espaço aéreo em Choa, tendo sido expulsos pelo fogo das baterias anti-aéreas. Em 4 de Fevereiro de 1976, cerca das 24 horas, polícias racistas que tentam penetrar na zona de Malvernia, são repellidos pelos nossos combatentes. Em 6, 7, 13, 14 e 15 de Fevereiro, as nossas forças são obrigadas a abrirem fogo contra aviões inimigos que violam o nosso espaço aéreo. Em 14 de Fevereiro, cerca das 24 horas, o inimigo penetrou na zona de Pafúri com forças de infantaria e começou a maltratar populações. Capturou um camponês, tendo ferido ainda duas outras pessoas, 1 homem e 1 mulher. As Forças Populares de Libertação de Moçambique, apoiadas pela Polícia Aduaneira, intervieram às 4,20 horas; dois aviões a jacto vieram então socorrer o inimigo. No curso do combate, foi abatido 1 bombardeiro por volta das 13 horas, tendo-se despenhado cerca de 10 quilómetros já, no interior do território inimigo.

Camaradas,

Excelências,

Compatriotas,

Este pequeno enunciado não exaustivo, das provocações e agressões armadas de Ian Smith ao longo das fronteiras entre a República Popular de Moçambique e a colónia britânica da Rodésia do Sul, demonstra a persistência do regime racista em desencadear uma guerra de agressão contra o nosso povo e o nosso Estado.

O regime opressor que faz face à insurreição armada do povo de Zimbabwe que se encontra isolado internacionalmente, procura resolver as suas contradições internas, alastrando o conflito. A República Popular do Botswana e a República da Zâmbia têm sido como nós, vítimas de inumeráveis acções criminosas por parte do regime de Salisbúria. Ian Smith pretende negar a justiça da Luta de Libertação do Povo de Zimbabwe, tentando fazer crer que se há guerra no Zimbabwe é porque forças estrangeiras o querem. Agindo assim, Ian Smith está apenas a imitar os colonialistas portugueses e outros agressores que sempre negaram a existência das Lutas de Libertação. Ian Smith tenta apagar a fogueira que acendeu com a sua opressão, cometendo crimes, tentando envolver outros países no conflito que desencadeou já na sua terra. Como louco, ele procura apagar o fogo derramando gasolina. Ian Smith quer transferir para o nosso país, as contradições e a luta que existem no seu território. Ian Smith que nos seus ataques criminosos do dia 24, deliberados, violou o espaço aéreo da África do Sul para nos atacar a partir da África do Sul a fim de desviar a nossa atenção do alvo, para provocar um conflito maior, um conflito à escala do Sul do Continente. No seu desespero de agressor condenado à derrota, Ian Smith procura por todos os meios provocar uma guerra generalizada a toda a África Austral, com a esperança criminosa de travar a sua queda, aumentando o número de destruições e de cadáveres. Fracassará, como sempre fracassam todos os que se erguem contra os povos, todos os que ousam atacar o povo. Ian Smith será varrido da história, como foram antes dele outros colonialistas. A guerra é em Zimbabwe. A guerra resulta da exploração e opressão do regime de Ian Smith contra o povo de Zimbabwe. A guerra terminará com a vitória inevitável do povo do Zimbabwe.

Camaradas,

Compatriotas,

Libertámos a Pátria do colonialismo. Hoje devemos defender a nossa Pátria atacada. Devemos apoiar o combate justo do povo irmão do Zimbabwe, para levarmos a cabo a nossa tarefa, necessitamos da força invencível da nossa unidade, da nossa organização. A nossa liberdade é defendida pela imensa energia criadora do povo organizado e dirigido pela FRELIMO. Vamos aplicar a nossa energia criadora, defender a nossa independência e apoiar os nossos irmãos do Zimbabwe. Para isso:

1º. Nas povoações, nos bairros, nas escolas, nos hospitais, nas fábricas, nos escritórios, nas lojas, nas machambas, nos poços, nos rios e, em toda a parte, devemos construir abrigos anti-aéreos. Com estes abrigos protegemo-nos dos ataques do inimigo. Construiremos os abrigos depois das horas de trabalho normal. Intensifiquemos a criação dos bairros comunais, que nos permitirão a melhor organização de defesa. As Forças Populares de Libertação de Moçambique devem elevar o seu nível político, técnico e militar, e apoiar as massas na organização da sua defesa.

2º. Devemos ter a produção organizada. Durante a guerra de libertação nacional, dissémos sempre "a produção apoia a guerra", e "a guerra cria condições para produzirmos melhor", por isso devemos acelerar a formação das aldeias comunais, onde organizados produziremos, onde organizados nos defenderemos contra o inimigo. Devemos

augmentar a produçãõ nas nossas fábricas, devemos tornar mais rápido e eficiente o nosso trabalho nos portos, nos caminhos de ferro e na aviação. Devemos ser mais rápidos e eficientes na construção e reparação de estradas e casas e prédios. Queremos que cada trabalhador em conjunto com os seus camaradas, discuta e encontre os meios de produzir mais, melhor e mais rápido.

3º. Por causa da agressão inimiga, algumas actividades económicas terão que ficar paralisadas ou baixar de nível. E, como resultado principal, compatriotas nossos, trabalhadores, vão temporariamente, ficar desempregados. É dever de todos os nós, apoiá-los, criando condições para que eles possam trabalhar. O trabalho principal que temos, onde as nossas condições nos permitem absorver todos os empregados, é, na zonas rurais, na agricultura e pecuária. Todos os que ficarem afectados no seu trabalho, poderão com o apoio do Estado, organizarem-se em aldeias comunais e iniciar a produção agrícola e pecuária.

4º. Como cumprir o nosso dever internacionalista para com o Zimbabwe? Apoiando a luta de Zimbabwe, estamos a defender Moçambique. Apoiando o desenvolver do combate dos nossos irmãos do Zimbabwe, estamos a afastar o inimigo das nossas fronteiras, consolidamos a nossa independência e, criamos condições para que se estabeleça a paz. Por isso dizemos, o apoio, a solidariedade, não são esmolas, não são favores, são uma ajuda mútua entre forças que combatem pelo mesmo objectivo. O nosso apoio ao justo combate dos nossos irmãos do Zimbabwe, é um apoio moral, um apoio político, um apoio material. Apoiaremos moral e politicamente, organizando-nos nos nossos Grupos Dinamizadores, para estudarmos e aprendermos da luta do Zimbabwe, ~~para viver~~ na nossa carne e nervos, a luta do Zimbabwe. Apoiaremos, cantando sobre a luta do nosso dever internacionalista de, apoiar. Apoiaremos, explicando a luta, discutindo sobre a luta, apoiaremos aceitando sacrifícios, superando os sacrifícios para cumprir o nosso dever internacionalista. Apoiaremos materialmente, produzindo, produzindo para alimentar e vestir o nosso povo, produzindo para alimentar e vestir os nossos combatentes que defendem as nossas fronteiras, produzindo para alimentar e vestir os nossos irmãos guerrilheiros do Zimbabwe. Apoiaremos materialmente, reduzindo as nossas importações, deixando de importar tudo o que não seja fundamental para a economia do país. Apoiaremos materialmente, dando todos os meios, a nossa contribuição ao Banco de Solidariedade que criámos em 3 de Fevereiro, dia dos Heróis Moçambicanos.

Camaradas,

Excelências,

Compatriotas,

A República Popular de Moçambique existe há pouco mais de oito meses. Desde o início da sua existência declarou com firmeza que o seu dever internacionalista não era objecto de compromissos ou nego

ciques.

Somos ardentes defensores da paz. Vivemos 10 anos submetidos à guerra colonial-imperialista de agressão. Estamos pois, bem conscientes dos sacrifícios que a defesa da nossa liberdade e independência exigem. Mas tudo aceitamos hoje, como ontem o fizemos. As nossas fronteiras foram seladas pelo sangue do nosso povo. O nosso dever internacionalista foi secundado pelos inúmeros sacrifícios dos povos do mundo inteiro. É consciente desta realidade que o Comité Central da FRELIMO e o Conselho de Ministros da República Popular de Moçambique, me mandataram para tomar as medidas apropriadas destinadas a salvaguardar a inviolabilidade das nossas fronteiras, a integridade territorial, a soberania da República Popular de Moçambique. Igualmente me mandataram para tomar as decisões necessárias para assegurar o apoio internacionalista da FRELIMO, do nosso Estado e do nosso Povo à justa luta de libertação do povo irmão do Zimbabwe. As agressões de Ian Smith já misturaram o nosso sangue ao sangue do povo de Zimbabwe. A República Popular de Moçambique, para apoiar a luta de libertação do povo de Zimbabwe, em conformidade com as decisões da Organização das Nações Unidas e da Organização da Unidade Africana, a partir de hoje, 3 de Março de 1976, encerra todas as suas fronteiras com a colónia britânica da Rodésia do Sul. Proíbe qualquer forma de comunicação com o território dominado pelo regime racista, impede a passagem pelo seu território e espaço aéreo de qualquer tráfego de pessoas e mercadorias, de proveniência ou com destino à Rodésia do Sul. A República Popular de Moçambique, aplica integralmente as sanções à colónia britânica da Rodésia do Sul. A República Popular de Moçambique confisca todos os bens pertencentes ao regime ilegal, às firmas sediadas no território da colónia britânica da Rodésia do Sul e aos seus cidadãos desse território que reconheçam o regime ilegal.

Moçambicanas, Moçambicanos,

Em 25 de Setembro de 1964, para libertar a terra e os homens, a Pátria oprimida, o Comité Central da FRELIMO, proclamou a insurreição geral do Povo Moçambicano. Hoje, de novo, a fim de garantir a defesa do território, o Comité Central da FRELIMO, chama o povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo, para defender a Pátria atacada.

Excelências,

Senhores Embaixadores e Encarregados de Negócios, acreditados na República Popular de Moçambique,

Todos os vossos países condenaram firme e unanimemente a rebelião racista de Ian Smith. Os vossos países preconizaram acções contra o regime criminoso. A medida tomada pelo nosso Estado, corresponde às exigências de toda a humanidade em se ver livre da domina-

ção colonial e racista. Este é o combate do povo moçambicano e também de toda a África, de toda a humanidade progressista. Estamos conscientes que os vossos povos e os vossos Estados saberão ser solidários connosco neste momento difícil, em que o nosso país é vítima de agressão desencadeada pelo regime minoritário criminoso. Dirigimo-nos à África para que esteja connosco, para que nos apoie na defesa da nossa soberania e na libertação do Continente. Dirigimo-nos aos nossos aliados naturais, os países socialistas, para que estejam connosco como, exemplarmente sempre estiveram o nosso povo trabalhador, a defender a sua revolução e, **a cumprir o seu** dever internacionalista. Dirigimo-nos a todos os nossos amigos, a todos os Estados que prezam a liberdade e a paz, para nos apoiarem a defender a nossa liberdade, a restabelecer a paz justa na nossa zona.

Comaradas,

Compatriotas,

Iniciámos uma nova fase da **Nossa Revolução**, numa fase em que o nosso sacrifício e o nosso sangue, como no passado, irão fecundar, emendar e consolidar a nossa unidade, a nossa independência, as nossas conquistas revolucionárias.

Combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique e massas populares unidos, vencerão o inimigo e esmagarão o agressor que viola a paz e vem massacrar o nosso povo. Rendemos uma homenagem vibrante a todos os nossos camaradas que se sacrificaram e, inspirados no seu exemplo, unidos pela FRELIMO, desenvolvendo a nossa produção, reforçando a nossa vigilância, construiremos a nossa vitória. Firmemente dizemos, a Luta Continua, e, como ontem, repetimos

Independência ou Morte, Venceremos!

A Luta Continua!

- Estavam também presentes, Abel Muzurewa e o almirante Rosa Coutinho.

009-1976-03-03

Obtido directamente por gravação